

PATATIVA DO ASSARÉ E A CONSTITUIÇÃO DO NOMADISMO DE UM POVO E DE UMA LÍNGUA

**PATATIVA DO ASSARÉ AND THE CONSTITUTION
OF THE NOMADISM OF THE PEOPLE AND THE
LANGUAGE**

Jair Pereira de Oliveira

Doutor em Literatura e Interculturalidades pela
Universidade Estadual da Paraíba - Brasil. Pesquisador
Associado ao CLAEC (Centro Latino-Americano de
Estudos em Cultura) - Brasil.

E-mail: jairdeoliveira2010@gmail.com

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2883-3157>

**Joana Emilia Paulino de
Araújo Costa**

Mestra em Educação pela Universidade Federal
da Paraíba – Brasil.

E-mail: joannaemilia589@gmail.com

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3833-8915>

Resumo: O trabalho objetiva analisar uma seleção de poemas de Patativa do Assaré sob a ótica do conceito deleuzeguattariano de literatura menor. Nesse sentido, os poemas de Patativa apresentam uma expressão que indicam afetos e percepções de um grupo social. Tanto os afetos quanto as percepções desse grupo social, o sertanejo, movem-se a partir de três componentes: o nomadismo; o político; e, o agenciamento coletivo de enunciação. As três categorias ou componentes do conceito de literatura menor serão os nossos aportes teóricos para dialogar com a potência criativa do poeta cearense. Assim, a poesia de Patativa apresenta essa força mobilizadora, pois nela se edifica a noção de um povo e de uma língua às margens do Brasil oficial e letrado.

Palavras-chave: poesia; literatura menor; povo; língua.

Abstract: This work aims to analyze a selection of Patativa do Assaré poems from the perspective of Deleuzeguattariano's concept of minor literature. In this regard, Patativa's poems present an expression that indicates affections and perceptions of a social group. Both the affections and the perceptions of this social group, the countryman, move from three components: nomadism, politics and, the collective agency of enunciation. The three categories or components of the concept of minor literature will be our theoretical contributions to dialogue with the creative power of the poet from Ceará. Thus, Patativa's poetry presents this driving force, as it builds the notion of a people and a language on the margins of official and literate Brazil.

Keywords: Poetry; minor literature; people; language.

1 Introdução

As minorias criam literatura(s) a partir dos sentidos que suas vivências constroem na produção de seus discursos em realidades empíricas ou imaginárias. E, com isso, são consideradas capazes de criar um imaginário que não seja comportado por uma considerada língua maior e/ou abrangente.

Nesse sentido, notamos em parte da poesia de Patativa do Assaré, poeta do Cariri cearense, elementos que corroboram tal

afirmação. E é pela sua obra que observamos a variedade do conteúdo de expressão do povo ao qual ele faz parte. De acordo com Francisco Salatiel de Alencar (2012), na apresentação do livro *Cante lá que eu canto cá*, de Patativa do Assaré, o poeta mostra toda sua capacidade em alcançar as intensidades e afetos que emanam do povo e de sua cultura popular.

Assim, esse estudo prioriza analisar parte da poesia produzida por Patativa, que expressa a identidade e a cultura do povo nordestino como uma literatura nômade. E, sendo assim, consideramos que existem em sua obra diferenças na noção de uma língua maior, convencional que está expressa por ele como uma língua que é criada para traduzir as experiências das minorias.

Dessa maneira, entendemos a língua que esse povo usa como o signo de uma vivência comum entre eles, em uma condição especial de experiências. Elas são vivenciadas por essa minoria e estão expressas na maior parte da obra do poeta do Cariri cearense.

Para contextualizar a discussão desse estudo, podemos dizer que essa língua construída entre os escombros é a língua usada pelo povo sertanejo. Um povo pertencente a um segmento social marginalizado. De um povo que não aparece e que é, nos dizeres na apresentação do livro de Patativa feita por Salatiel de Alencar (2012, p. 10), "de um mundo sem voz, abafado pelas distorções dos prepotentes que pretendem domesticar e manipular a vida" e a expressão desse povo.

Podemos aqui citar uma variedade de temas por ele escolhido. No entanto, iremos



salientar que para ilustrar o que foi anteriormente informado pelo cantador das coisas do sertão, é que há na sua seleção o embate de intensidades: o prazer e o sofrimento.

Em um de seus escritos sobre as intensidades do sofrimento, o poeta canta o quanto o povo que trabalha nas roças do sertão sofre nessa árdua tarefa. Esse trabalho duro feito na terra, segundo Patativa do Assaré, em tom de informe, não existiria nenhum reconhecimento. Assim como não há reconhecimento, também não haveria nenhuma afetação por parte dos que vivem nas cidades grandes e nas capitais, demarcando sua poética como territorialização do sertanejo, da sua língua e de seu povo.

2 Territorializando a poética de Patativa do Assaré

A obra de Patativa do Assaré mostra a diversidade presente na língua que aponta para tantas exclusões sociais. O conteúdo da expressão poética de Patativa nos leva a refletir sobre a ideia de literatura que transita na desterritorialização dos espaços. Analisaremos nesse estudo alguns poemas de Patativa contidos no livro *Cante lá que eu canto cá: a filosofia de um trovador nordestino*.

Esse livro possui uma série de poemas populares que alçaram Patativa como um dos nomes exemplares e de maior destaque da poesia nordestina. A composição poética modela uso da língua de forma singular. Além disso, sua poesia apresenta a expressão da força e da simplicidade das experiências e das

vivências do povo sertanejo. Segundo afirma Moura (2015, p. 245) sobre a inclusão de Patativa no rol das produções narrativas populares, as quais “apresentam vestígios sociais representados no que conhecemos como herança cultural.”

A obra em questão do poeta cearense é um compilado da expressão literária, na qual reúne poemas de uma vida inteira. O livro foi organizado de modo a contemplar poesias já publicadas e outros tantos inéditos do autor. Sendo assim, esse livro constitui o território poético da estética das experiências e vivências de um povo.

Em *Cante lá que eu Canto cá*, Patativa apresenta as vozes do povo sertanejo, com seus lamentos, suas dores. Mas também, as vozes (in)contidas na expressão poética do trovador nordestino evidenciam as alegrias e a sagacidade com que o sertanejo consegue demonstrar sua potência de vida.

3 Espaços de desterritorialização de minorias

Em uma de suas obras mais importantes, Otávio Ianni (2000, p.13) em *Enigmas da modernidade-mundo* diz que, de modo geral, a viagem seria um termo que abrange várias “significações e conotações, simultâneas, complementares ou mesmo contraditórias.”

Essa viagem compreende em si maneiras reais e imaginárias de referências: com uma experiência de uma “realidade” ou



com um conteúdo significativo do “imaginário”. Tal viagem pode ser filosófica, artística ou científica. Entendemos que a viagem em seu aspecto mais abrangente é deslocamento, é passagem, é um devir: nomadismo.

A partir do entendimento de viagem como nomadismo é que iremos tentar compreender os procedimentos de composição expressos na língua utilizada por Patativa do Assaré. Nesse sentido, Segundo Deleuze (2011, p. 9), citando o escritor francês Marcel Proust, afirma o seguinte sobre o que é possível para a autoria e a inventividade na língua:

[...] o escritor, como diz Proust, inventa na língua uma nova língua, uma língua de algum modo estrangeira. Ele traz à luz novas potências gramaticais ou sintáticas. Arrasta a língua para fora de seus sulcos costumeiros, leva-a a *delirar*. Mas o problema de escrever é também um problema de *ver* e de *ouvir*; com efeito, quando se cria uma outra língua no interior da língua, a linguagem inteira tende para um limite “assintático”, “agramatical”, ou que se comunica com seu próprio fora.

Essa afirmação corrobora a ideia de que o autor cria uma língua dentro de sua própria língua, como se fosse um processo de criação de uma espécie de língua estrangeira, explicitando uma singularização de potências criativas e que se ramifica com o externo do qual a língua é pertencente.

Seria algo como uma língua com sua própria gramática e sintaxe dentro de uma língua maior: a língua estabelecida. Por equivalência a essa compreensão de Deleuze, podemos afirmar que tal procedimento pode

ser entendido como um deslocamento no uso da língua, cujo entendimento, mostra-se realizado por Patativa do Assaré. “Pois mesmo sem português” (Assaré, 2012, p.17), como diz no poema dele “Aos poetas clássicos”, há na sua língua uma intensidade que recobre “o prazê e o sofrimento” (Assaré, 2012, p.17). Essas são duas intensidades que transitam em toda sua composição de “poeta camponês” (Assaré, 2012, p. 17).

Essa língua criada ou inventada por Patativa do Assaré é o primeiro aspecto do nomadismo encontrado na escrita, pois há um distanciamento entre essa língua inventada e essa língua padronizada urbana.

De modo análogo, podemos aqui fazer uma correlação. Segundo Deleuze e Guattari (2003, p 38), em estudo sobre a obra do escritor tcheco Franz Kafka, haveria para eles uma “literatura menor”. Para esses pensadores a “literatura menor” não seria o conteúdo linguístico pertencente a uma língua menor. Mas seria, antes de mais nada, a construção de uma língua por parte de uma minoria dentro de uma língua maior. Esse seria o primeiro componente do conceito de “literatura menor”: a minoria cria uma língua.

Para ilustrar essa ideia, podemos notar que há uma construção sintática do uso dessa língua construída por uma minoria e por meio do poeta tornou-se “literatura menor”, em seu aspecto de “desterritorialização da língua”, como nesse trecho de “Maria Têtê”:

Eu que tudo já sabia
Sinti naquele dia
A mais maió alegria
Que si pode tê no mundo” (Assaré, 2012, p. 35).



Tal construção é uma amostra de como uma língua de minoria funciona. Uma língua que uma minoria constrói não está apenas ligada a introdução de novos termos, neologismos em uma língua maior. São as construções, por vezes desviantes, de uma língua maior é que dará a sensação de estranheza. O uso de intensificadores (“mais” e “maió”) é um dos aspectos mais sobressalentes na construção de uma língua de minorias.

É, pois, um desdobramento que permite a percepção dos que nunca foram percebidos, ou pouco percebidos, por parte dos que fazem e vivem sob o signo sedentário da língua maior, uma língua de cânone, uma língua prescritiva. Deleuze e Guattari (2003) chamam esse aspecto procedural de construção de uma língua (que se costuma chamar no interior de uma língua maior de sintaxe incorreta) através de “intensivos e tensores” como uma hipérbole de sensação surgidos no interior dessa língua inventada.

Esses elementos que compõem uma “língua desterritorializada” permite que a língua se direcione a um limite de significação e intensidades extremas, em uma redundância que duplica intensidades na sua realização: *mais + maió*. Para os pensadores franceses, o uso de intensivos, em grande medida, surgem

nas classes gramaticais dos advérbios e nos verbos que conotam percepções.

Essa formação “mais maió” indica um gradual levante dessa língua. Senão pela sua construção pouco imaginativa ou genial, por ser de uso comum de uma minoria sertaneja; mas por ser uma força que se impõe na demonstração da vitalidade de percepção desta minoria.

Aqui vimos como o procedimento de escrita de Patativa do Assaré pode ser concebido com o que Deleuze e Guattari (2003) chamam de “desterritorialização”¹ de uma língua maior, como um processo de construção no meio dos escombros de uma língua usada por uma minoria. Vejamos a construção sintática, simultaneamente, com a força da expressão e do sentido do poema:

Aquele povo que veve
Nas ruas da capitá,
Não sabe o quanto padece
Os trabaiadô de cá.
Esse povo da cidade
Que só veve de vaidade
Nevera foi agricurtô,
Uma roça não conhece
Não sabe o quanto padece
O povo do interiô (Assaré, 2012, p. 81).

Percebemos nesses versos que há uma noção de pertencimento com o povo que trabalha na roça em detrimento ao povo que vive na cidade. Ainda falando da língua, o cantador não absorve as mesmas regras da

¹ Desterritorialização é um conceito cujo problema recai sobre a ideia de não manutenção e de não permanência em um espaço. A desterritorialização se aproxima dos modos de fuga empreendido em um determinado local de vivência ou

de discurso. É afastar-se, distanciar-se. É criar linha de fuga, de modo que as subjetividades busquem outras formas de ser e de existir. (Deleuze; Guattari, 2003, p. 38-39).



língua maior, não utiliza a redundância da concordância nominal.

O marcador de pluralidade na organização morfossintática está nos artigos. É um elemento secundário na sintaxe que, por sua vez, direciona o vocábulo “trabaiadô” para um limite de uso da língua. O termo em destaque, mesmo estando no singular, tensiona essa figura individual, “trabaiadô, e devém para um coletivo de força. Ou seja, o termo, muito embora seja individual, coletiviza-se, passando a designar um grupo social de trabalhadores.

O nomadismo também se faz presente no poema “A vida aqui é assim”. A sintaxe incomum e seus desdobramentos modificam o sentido de sujeito, resultando na noção de substantivo coletivo, e não pelo mero desvio linguístico de incorreção de concordância. Esse passeio pelo significado procedente dessa sintaxe, distinta da preconizada pela língua maior, é mais um signo do nomadismo, dos significados que essa língua de minorias contém. Segundo Medeiros (2009, s/p), nos poemas do poeta “o sertão alimenta a expressão e funda maneiras peculiares de percepção e comunicação, o que permite inseri-lo na linhagem dos escritores brasileiros que atentaram ao mesmo espaço real e imaginário.”

Passemos agora para um outro aspecto condicionante de uma “literatura menor”: o componente político dessa língua. Segundo Deleuze e Guattari (2003), a literatura menor está localizada em um espaço restrito, diminuto. Ela requer de seus escritores um

levantamento de questões não apenas universalistas, da condição humana.

Os escritores sugerem questões que, por vezes, possam ser ditas individuais. Mas que, de todo modo, ultrapassem essa medida do *uno*. Até essas questões iminentemente individuais estão demasiado ligadas a questões políticas.

Já dissemos que a língua de uma minoria está absolutamente interligada com a experiência e a vivência de um povo. Há em parte significativa na obra de Patativa do Assaré o que podemos designar como uma língua das secas, das fomes, das fugas. O conteúdo pertencente a essa língua das secas, das fomes e das fugas possui componente extremamente político, pois essas condições são as vividas pela gente que performatiza a língua dentro de uma língua maior.

Mas, também, é uma língua das felicidades, dos cantos de amor. E esses afetos também são interligados com o componente político da “literatura menor”, como podemos observar no poema “A festa da Maricota”:

Era com prazê e alegria
Cumó eu nunca vi assim
Só eu, seu moço, sentia
E não tirava a coã,
Que gargaiou de manhã,
Da minha maginação.
Parece inté que eu notava
Que ôta coã gargaiva
Cá dentro, em meu coração (Assaré, 2012, p. 63).

Diz o poeta que havia uma moça bela, de uma beleza sem igual naquele sertão. Sua formosura era tanta que ela poderia escolher para si qualquer homem que ela quisesse para



ser seu amado. Contudo, a moça de beleza ímpar elege para sua companhia um típico caboclo sertanejo e trabalhador.

Por ser uma referência de ligação afetuosa entre dois personagens inventados a partir da observação de traços e atos, e que estariam de acordo com o gosto dos sertanejos, a escolha amorosa tem forte componente político, por ser o escolhido homem distinto dos homens da cidade grande (o signo representante do que já está estabelecido, segundo o senso-comum).

Fala Patativa de um homem citadino que usa gravata e dedos cheios de anéis, numa alusão clara aos sujeitos de uma formação normatizada pelo segmento social que, de maneira hierarquizada, define os sentidos das instituições, impondo, inclusive, o próprio desejo a uma institucionalização, através dos casamentos “arranjados” que sempre fizeram parte da cultura desse povo.

Muito embora haja em Patativa do Assaré esse componente político ao qual todo ato individual, por simples que possa parecer, percebe-se que existe uma disparidade entre a visão culturalmente constituída e que esta não se aproxima da expressão de escrita do poeta.

O argumento básico entre esses díspares – a visão do poeta em relação a uma escolha amorosa individual interligado ao componente político; e a propagação de certo costume de uma espécie de casamento (“casamento

arranjado”) devido ao componente cultural desse povo – explica-se da seguinte maneira, segundo Deleuze e Guattari (2003, p. 40):

[...] o que o escritor diz sozinho já constitui uma ação (sic) comum, e o que diz ou faz, mesmo se os outros não estão de acordo, é necessariamente político. O campo político contaminou o enunciado todo. Mas, sobretudo, mais ainda, porque a consciência colectiva (sic) ou nacional é “a maior parte das vezes inactiva (sic) na vida exterior e continuamente em vias de desagregação”.

A escolha individual aqui é necessariamente política e podemos equacioná-la da seguinte maneira: Há o desejo proeminente em um indivíduo (a moça bela) em preferir não um indivíduo, mas ela percebe um fluxo que perpassa nos caracteres sensíveis do sertanejo, enquanto uma subjetivação pertencente a este mesmo povo:

Se um rojão ele puxava,
Os companhêro suava,
E ele adiante, todo esperto,
Ligero que só um gato,
E tanto espaiava o mato,
Cumofazia coberto (Assaré, 2012, p. 60).

Aqui ficam claras as motivações de escolha da moça, que são cantadas no poema. Sua escolha se dá no nível das intensidades do homem trabalhador sertanejo. Seu vigor no momento de trabalho árduo parece fazer parte de um instinto, ao ponto de o eu-lírico atribuir-lhe características felinas, em um “devir-animal”².

² Devir-animal é um conceito discutido no volume 4 de *Mil Platôs* (2012), de Deleuze e Guattari, e indica uma ordem de multiplicidades em que um determinado

animal, o homem, por exemplo, absorve características e cria simbiose com uma outra espécie, como o homem



O poema “A Triste Partida”, talvez, contenha em sua expressão o mais alto coeficiente desse aspecto individual. Ele está interligado imediatamente ao fator político, em que nada tem a ver com individualismo. Tal fator está bastante próximo de um “agenciamento coletivo da enunciação”³. Esse é mais um dos componentes do conceito de “literatura menor”:

[...] literatura é que produz uma solidariedade activa apesar do ceticismo; e se o escritor está à margem ou à distância da sua frágil comunidade, a situação coloca-o mais à medida de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade (Deleuze; Guattari, 2003, p. 40).

O fator de agenciamento a qual a expressão poética de Patativa do Assaré encontra correspondência indica a potência criativa e sua ligação com os afetos que permeiam as sensibilidades de um povo.

Esse poema narrado conta a saga de uma família sertaneja, que foge de sua terra natal por ocasião de uma seca que assola toda a paisagem. O que comumente acontece durante parte importante do século XX das histórias das secas no Nordeste e demonstra que as famílias deste lugar seguiam sempre uma dessas duas vias, de morte ou de fuga:

Sem chuva na terra descamba janêro,
Depois, feverêro
E o mermô verão.
Êntonce o rocero, pensando consigo,

com a ligeireza de um gato, tal assinala o poema de Patativa do Assaré, o devir homem-gato.

³ Agenciamento coletivo de enunciação é um conceito deleuzeguattariano cujo teor trata da junção entre

Diz: isso é castigo!
Não chove mais não!

Apela pra maço, que é o mês preferido
Do Santo querido,
Senhô São José.
Mas nada de chuva! tá tudo sem jeito,
Lhe foge do peito
O resto da fé

Agora pensando segui ôtra tria,
Chamando a famia
Começa a dizê:
Eu vendo meu burro, meu jegue e o cavalo,
Nós vamo a São Palo
Vivê ou morrê.

Nós vamo a São Palo, que a coisa tá feia;
Por terras aleia
Nós vamo vaga
Se o nosso destino não fô tão mesquinho,
Pro mermô cantinho
Nós torna a vortá (Assaré, 2012, p. 90).

A escolha que poderia parecer óbvia se dá de forma bastante singular. O poeta canta a condição de *uma* família nordestina, mas que poderia ser também *todas* as famílias daquele Nordeste. Uma região que padece com secas de tempos em tempos.

Esse ambiente criado pela expressão poética delineia um espaço que mais parece ser a imagem do fim de mundo. É como se o destino de toda terra seca fosse tornar-se deserto, espaço inhabitado, imagem de lugar devastado, espaço de inexistência.

A partir dessa dupla imagem de força (morte e fuga) é que se desenrola a narrativa

expressão e conteúdo produzidos por um agrupamento de sujeitos sociais. Tal conceito pode ser encontrado em quase toda a obra produzida pelos dois franceses em parceria, assim como em “Kafka: para uma literatura menor”.



de uma família. Ela está sem nenhuma perspectiva de sobrevivência em seu espaço de nascimento, o seu lugar. Então, o poeta desenvolve a sua expressão. Tomaremos com um pouco mais de detalhe, portanto, o poema "A Triste Partida".

Alguns elementos estão interligados com a própria estruturação do poema-narrativa: a expressão é que nos fornecerá os procedimentos para a compreensão do próprio conteúdo da escrita, conforme assinalam Deleuze e Guattari (2003) sobre o que define o conceito de literatura menor.

A expressão no poema varia no entorno das experiências dessa família que sofre os males comuns de todo um povo. E isso é o que prevalecerá nas intensidades ressaltadas pela escrita de Patativa do Assaré. O poema abre espaço de voz para o pai dessa família, como se houvesse uma confluência de consciência e afeto pelo pertencimento, o poeta é um corpo-linguagem de expressão que vocaliza as condições do homem sertanejo:

Setembro passou, com outubro e novembro
Já tamo em dezembro
Meu Deus, que é de nós?
Assim fala o pobre do seco Nordeste,
Com medo da peste,
Da fome feroz (Assaré, 2012, p. 89).

O que se está em jogo em todo esse poema não é o que possa sentenciar o destino de vida do homem sertanejo, enquanto representante de um povo que é minoria e que cria, como minoria que é, uma língua. A questão é mais de percepção das intensidades

que se conjugam a partir de tais experiências por parte dessa minoria.

Podemos dizer que o receio ou medo da fome e a consequente morte é um dos afetos que podem ser apresentados nessa condição instantânea e intermitente. É uma condição que se apresenta em determinado instante (período de seca). Mas que perdura geração após geração, abrindo termos para imaginar essa condição como sendo eterna.

O que se passa aqui é o informe da condição de um povo. Ele tem sua voz animada através do poeta e a partir dele. Tal agenciamento coletivo pode ser percebido por meio do próprio procedimento de escrita utilizado pelo poeta. Vejamos de que forma funciona tal procedimento.

O poeta possibilita que a voz de um personagem se torne visível; o que se apresenta nesse trecho é o uso de uma força de intensidades, que está no signo do personagem, após empreender fuga da seca-morte:

No dia seguinte, já tudo enfadado,
E o carro embalado,
Veloz a corrê,
Tão triste, coitado, falando saudoso,
Um fio choroso,
Escrama a dizê:

De pena e sodade, papai, sei que morro!
Meu pobre cachorro,
Quem dá de comê?

Já ôto pergunta: - Mæzinha, e meu gato?
Com fome, sem trato,
Mimi vai morre! (Assaré, 2012, p. 91).



O que temos nesse trecho é uma passagem de intensidades de mais de um indivíduo. Não é apenas o pai de família aquele que possui voz. Seu filho também conduz suas sensações na expressão do poema.

Outro aspecto a ser observado é a mudança de perspectiva. O poema se desloca do ponto-de-vista do eu-lírico para, em seguida, fluir pelo pai daquela família. Além disso, a sequência abrange a mudança em direção aos outros contrapontos de vista (os dos filhos e da filha do sertanejo).

Nesses afetos mais intensos dos que os surgidos na voz-lamento do pai de família, percebemos que há na escolha do uso da “excramação” (um intensificador), um dos procedimentos formulados pelo poeta para dar uma carga mais intensa nas sensações. É quase um grito de dor e desespero, os reclames do filho do sertanejo. É um passeio por várias intensidades notados nos corpos dos personagens. É o nomadismo de procedimento utilizado na escrita de Patativa do Assaré.

A expressão da escrita de Patativa do Assaré é um *continuum*, por onde as vozes não apenas são intensas e gritantes (o perceptível que surge na forma da expressão). Há ainda nesse poema com traços narrativos (conforme nos ensina Rosenfeld (1985) sobre a convivência entre diversos gêneros em um mesmo texto, destacando, por certo, a predominância de um gênero específico e algumas características de outros) uma ordenação que beira o paradoxo, e o direcionamento do sentido se impõe de maneira singular.

Os filhos direcionam sua locução de desespero e medo (afetos) em direção à mãe, de quem não se escuta em nenhum momento a voz:

[...]
Já ôto pergunta: – Mæzinha, e meu gato?
Com fome, sem trato, Mimi vai morrê!

E a linda pequena, tremendo de medo:
– Mamãe, meus brinquedo!
Meu pé de fulô
Meu pé de rosêra, coitado, ele seca!
E a minha boneca também lá ficou (Assaré, 2012, p. 91).

Nada se escuta da mulher que acompanha aquela família. Sua existência é quase fantasmática. Ela é percebida na cantoria apenas na voz do filho. A voz do filho menciona a mãe em sua existência. A menção à mãe é um provocador de silêncio nela. Os lamentos e as intensidades que se mostram a partir da personagem da mãe de família só encontram sentido (o espaço no vazio?) no silêncio. Nesse poema, é na invisibilidade e no silêncio denotado pela ausência de resposta ao filho que se percebe a existência dela. A condição constituinte da mulher sertaneja, na expressão desse poema de Patativa do Assaré, indica o não preenchimento da potência expressiva de uma minoria dentro de outra minoria.

4 Conclusão

Nossas considerações da análise da escrita de Patativa do Assaré são apontadas nesse estudo, a partir dos princípios de nomadismo, da questão política e do agenciamento coletivo de enunciação implementados por Deleuze e Guattari (2003)



em estudo da obra de Kafka, tomando por base o conceito de “literatura menor” e os citados desdobramentos. Ou seja, exploramos os três componentes que compreendem tal conceito.

O primeiro, o uso da língua de uma minoria, dentro de uma língua maior. O segundo, a ligação do individual com o político. Ou seja, como o poeta traz para si a responsabilidade de reflexão sobre um estado de coisas que pertencem a um povo. E, por fim, e o agenciamento coletivo da enunciação, o modo como ações individuais passam a ter articulações com o imediato no interior de grupo(s).

Discutimos durante a análise os procedimentos de escrita de Patativa e como esse procedimento nos oferece um quadro de singularidades das condições que permeiam as vidas de uma minoria, que constrói uma língua que se anima e surge na criação de escritores populares.

Esses escritores usam uma língua de minorias e procedem por deslocamentos dentro de uma língua maior, para tornar a própria condição desse povo o expresso da sua escrita, pois só o expresso pelo escritor, por meio dessa língua de minorias, é que se torna possível o informe da condição desse povo.

REFERÊNCIAS

ASSARÉ, Patativa (2012). **Cante lá que eu canto cá:** filosofia de um trovador nordestino. 17 ed. Petrópolis: Vozes.

DELEUZE, Gilles (2011). **Crítica e clínica.** Tradução de Peter Pál Pelbart. 2 ed. São Paulo: 34.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (2003). **Kafka:** para uma literatura menor. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (2012). **Mil Platôs.** Volume 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34.

IANNI, Otávio (2000). A metáfora da viagem. In: IANNI, Otávio. **Enigmas da modernidade-mundo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

MEDEIROS, Vera Lúcia Cardoso. Representações do Sertão em Patativa do Assaré. **Nonada: Letras em Revista [en línea].** 2009, 2(13), [data de Consulta 13 de Maio de 2023]. ISSN: Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451679003> Acessado em: 13/05/2023

MOURA, H. D. de. O sertão de Patativa do Assaré. A infância e a oralidade na poesia inspirada na formação e cultura do sertanejo (1956 – 1978). **Revista HISTEDBR On-line,** Campinas, SP, v. 15, n. 63, p. 243–258, 2015. DOI: 10.20396/rho.v15i63.8641181. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8641181>. Acesso em: 13/05/2023

ROSENFELD, Anatol (1985). **O teatro épico.** São Paulo: Perspectiva.

MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros; MALEVAL, Maria do Amparo Tavares; VIEIRA Yara Frateschi. **A Literatura Portuguesa em**



perspectiva. Vol. 1. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

PETRI, Dino. "A linguagem proibida". In: PETRI, Dino. **A linguagem proibida**: um estudo sobre a linguagem erótica: baseado no Dicionário Moderno de Bock, de 1903. São Paulo: LPB, 2010 (p. 79 – 96)

SOARES, Vanessa Arlesia de Souza Ferretti. Concepção dialógica da linguagem e o ensino de língua portuguesa: uma reflexão a partir de relatos de professores da rede municipal de Blumenau/SC. **Work. pap. linguíst.**, 13(2): 37-57, Florianópolis, jul.set, 2012

